

Brasil tenta renegociação da dívida por 15 anos

O Brasil vai mesmo buscar um esquema de renegociação da dívida externa por 15 anos. A confirmação foi feita ontem pelo presidente do Banco Central, Fernão Bracher. Se o objetivo for alcançado, será necessário — ele afirmou — reformular o acordo referente ao ano passado e já oficializado na base de sete anos para pagamento e cinco de carência da dívida já vencida, com spreads de 1,125% para os débitos oficiais e de 1,25% para os privados, o que totalizava 6,1 bilhões de dólares.

- JADR 1986

Bracher viaja domingo para os Estados Unidos, em companhia do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, para participar da reunião dos comitês interno e de desenvolvimento do FMI e do Banco Mundial. Na próxima quinta-feira, Bracher e Funaro oferecerão um almoço a um conjunto de sete banqueiros representantes dos maiores bancos do mundo, para dar o primeiro passo em direção a estas negociações. Bracher informou ainda que outros pontos serão discutidos, entre os quais a busca de uma solução adequada para a dívida do terceiro mundo, a redução dos juros internacionais e a reivindicação de preços mais realistas para as matérias-primas exportadas pelos países pobres.

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, informou ontem após a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) que o Brasil participará da reunião do comitê interno do Fundo Monetário Internacional (FMI) defendendo uma nova posição: "negociar mecanismos para sair da crise e não criar formas de apenas administrá-la".

O ministro observou que os países devedores e credores sempre discutiram formas de administrar a crise financeira internacional, que apenas "trouxeram frustrações para os países em desenvolvimento". Daqui para a frente, segundo o ministro, "teremos de sair deste campo, arrumar novas formas de sairmos da crise".

O ministro ressaltou que a queda das taxas de juros internacionais ainda continua no centro das discussões. Ele disse que o Brasil se manterá coerente com esta posição, defendida em todos os momentos de negociação dos quais participou.

Ermírio: novas bases

O candidato ao governo de São Paulo, Antônio Ermírio de Moraes, disse ontem, no Rio, que "agora, a negociação da dívida externa será feita em outras bases, pois o governo brasileiro tem hoje moral e, perante o mundo, o Brasil volta a ser um país digno". Ele defendeu "o pagamento do principal da dívida, e não apenas dos seus juros". Ele disse, com ênfase, que "a indústria brasileira está disposta a voltar à sua velha função, aquela de ter capital de risco, e não a de ganhar na ciranda financeira".

"Quando eu defendo a capitalização das empresas estatais, das boas empresas estatais, é justamente para isso. Não é no sentido de se fazer novas expansões, mas sim no de capitalizar e ir ao Exterior, perante os bancos credores, e viabilizar o objetivo de baixar o principal da dívida", disse Antônio Ermírio.